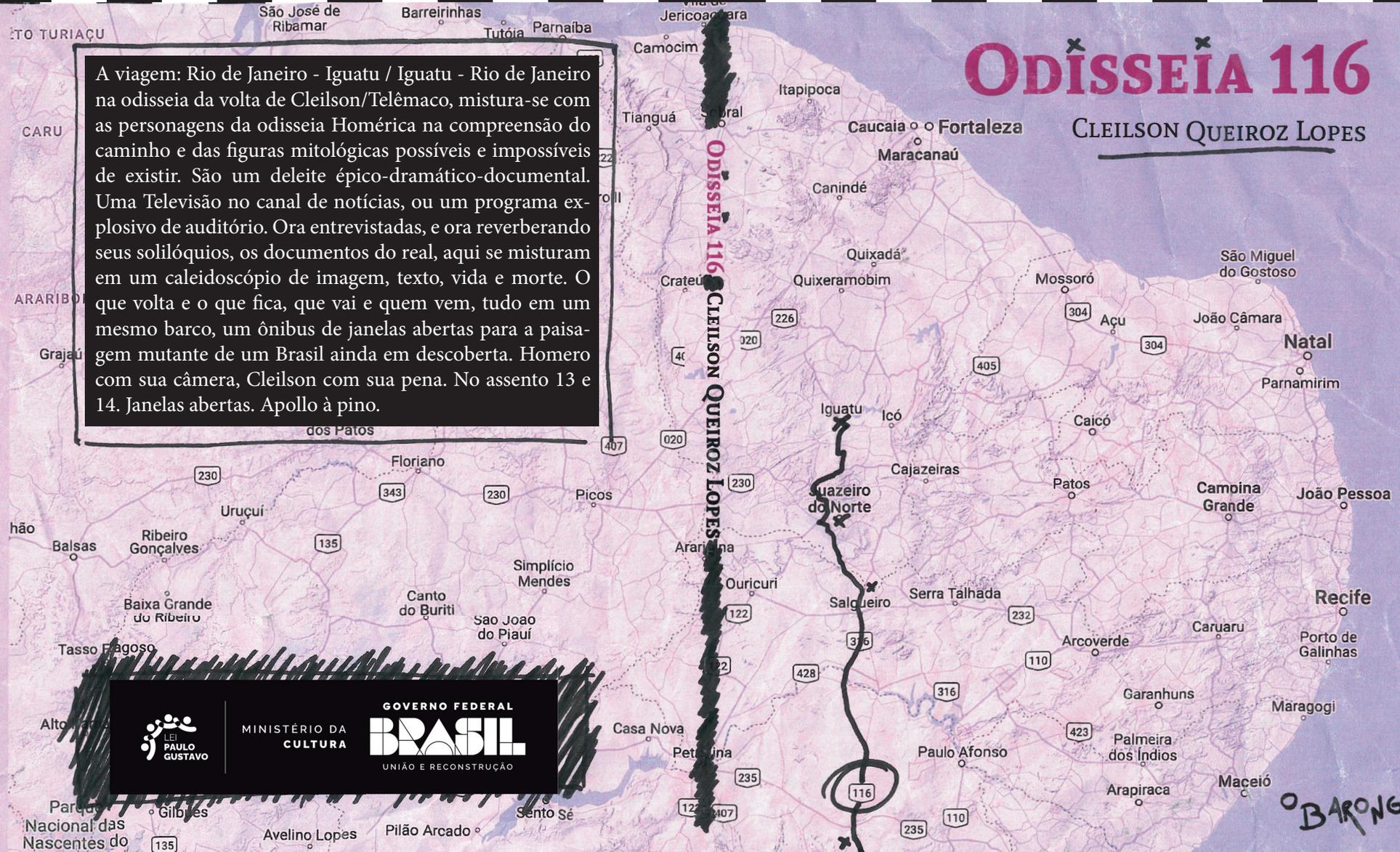


uma oração perfeita às musas. E se as musas que Homero canta se expandem no mar, em sua perfeição projetada sobre a existência monstruosa da vida [e daqueles(as) que a habitam], em *Odisséia 116*, de Cleilson Queiroz Lopes, as mesmas musas parecem correr pelo asfalto à procura de uma descoberta arqueológica exatamente do lugar de onde fracassaram. As Ânforas são latas de Itaipava vazias; as lanças, geléas de luzinha pisca-pisca; as sereias são cantoras da estrada, e os heróis são habitantes dos imprevistos da narrativa de retorno, ou melhor, da narrativa de retiro. Retirar, aqui, é um percurso documental de proporções épicas. Ficar, deixar, ir, voltar, ou então tecer o retorno daquele que não retorna jamais. O hexâmetro datílico é trocado apenas pelo dedo que aponta o caminho da saudade. Não há tempo para a perfeição na 116, há tempo para experimentar a tormenta da saudade. É bárbaro.

A viagem: Rio de Janeiro - Iguatu / Iguatu - Rio de Janeiro na odisseia da volta de Cleilson/Telêmaco, mistura-se com as personagens da odisseia Homérica na compreensão do caminho e das figuras mitológicas possíveis e impossíveis de existir. São um deleite épico-dramático-documental. Uma Televisão no canal de notícias, ou um programa explosivo de auditório. Ora entrevistadas, e ora reverberando seus solilóquios, os documentos do real, aqui se misturam em um caleidoscópio de imagem, texto, vida e morte. O que volta e o que fica, que vai e quem vem, tudo em um mesmo barco, um ônibus de janelas abertas para a paisagem mutante de um Brasil ainda em descoberta. Homero com sua câmera, Cleilson com sua pena. No assento 13 e 14. Janelas abertas. Apollo à pino.

# ODISSEIA 116

CLEILSON QUEIROZ LOPES



GOVERNO FEDERAL  
LEI PAULO GUSTAVO  
MINISTÉRIO DA CULTURA  
BRASIL  
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Anne Carson (2021) em seu (auto) prefácio, para seu (auto)autor real, na escrita da *Autobiografia do Vermelho*, fala de Homero “É claro que há muitas maneiras diferentes de ser. No mundo da épica homérica, por exemplo, ser é estável, e o particular, bem engastado na tradição. Quando Homero diz sangue, o sangue é negro. Quando surgem mulheres, as mulheres são de olhar refulgente e de belos tornozelos. Poseidon ostenta sempre as sobrelhas azuis de Poseidon. O riso de Deus é inexaurível. Os joelhos humanos, velozes. O mar é infatigável. A morte é ruim. Os covardes têm o fígado branco. Os epítetos de Homero são um tipo fixo de dicção com que Homero engata cada substância do mundo ao seu atributo mais adequado, fixando-a em seu lugar para consumo épico” (Carson, p. 10).

Não é à toa a afirmação de Carson. Homero opera seus códigos como

# Odisseia 116

60

50

40

0

10

20

60

50

40

# Odisseia 116

Cleilson Queiroz Lopes

o BARONG

Copyright © 2024 O Barong Edições  
Copyright © 2024 Cleilson Queiroz Lopes

www.obarong.com

Todos os direitos reservados pela O Barong Edições. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

*Editor responsável*

Leonardo Thim

*Projeto gráfico e capa*

Pedro Spigolon

*Revisão*

Leonardo Thim

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lopes, Cleilson Queiroz  
Odisséia 116 [livro eletrônico] /  
Cleilson Queiroz Lopes. -- Araras, SP : O Barong Edições, 2024.

PDF  
ISBN 978-65-996944-6-2

1. Ficção brasileira I. Título.

24-224799

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3  
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



MINISTÉRIO DA  
CULTURA



## SUMÁRIO

7	APRESENTAÇÃO
11	PREFÁCIO
	ODISSEIA 116
21	PRÓLOGO
32	O ATO DE VOLTAR.
34	VIAGEM.
38	FOTOGRAFIA
70	REVISITANDO FOTOGRAFIAS

60

50

40

0

10

20

60

50

40

## APRESENTAÇÃO

É admirável acompanhar a trajetória de um colega em transformação, vendo-o crescer de forma peculiar dentro do campo artístico. Cleilson Lopes escreveu *Odisseia 116* com a alma, misturando experiências de uma viagem, a sua subjetividade ficcional. Sua dramaturgia nasce da vontade de seguir caminhos, e de ir ao encontro de histórias, as que estão perdidas; mas que merecem voltar para casa, para a cena e para os leitores

*Odisseia 116* é uma história que comove antes do término, porque já carrega em si a simbologia de um adeus, saudoso demais. São lembranças bagunçadas, cheias de metáforas, desenhadas e, simplesmente, fotografadas. Percebemos isso assim que o texto se inicia, pois é clara a descrição da poética entrelaçada, do corpo que se movimenta em narração, nos mostrando pequenas pistas da próxima cena.

O personagem principal faz uma viagem entre mundos, carregada de significados, e olhos alertas e diversos. Foi tocada pelo lirismo nostálgico das palavras, cheias de lembranças; apegando-me, especialmente aos personagens, devido serem fortes, corajosos, solitários. O nordestino é muitas vezes assim, vai e volta, e ir e vir nos definem enquanto seres em constante mutação, porque somos condicionados a ir beber em outras fontes, mas somos mais condicionados ainda a volta, pois é nosso maior dilema, é o sagrado do chão quente que nos chama mais.

Li e reli o texto encontrando nas histórias os estados de ser e sentir, e seguir com elas todo o percurso da viagem, como um rio que se reencontra com seu curso, atravessando paisagens interiores e exteriores, carregando o peso da jornada alheia.

Aos leitores, alerto que cada relato pertence a um vale profundo que se perdeu, mas que, passo a passo, o horizonte os aguarda de braços abertos, como a Terra ansiosa por seu retorno. Nos ecos dos dias vividos e sonhos sonhados, cada memória que é lembrada é uma estrela que ilumina o caminho, cada passo uma marca indelével na areia do

tempo, um retrato das esperas e reencontros. E assim, entre o que era e o que será, de estado a estado, de alma a alma, eles vão desenhando o mapa de sua própria volta.

Como diz Conceição Evaristo, “o importante é abrir caminhos”, seguindo o fluxo contínuo do tempo, ou dos tempos, muitos perdidos, a espreita de partidas, recomeços, e de cheganças.

**Mariclecia Bezerra de Araujo**  
Dra. Em Artes Cênicas pela universidade  
do Estado de Santa Catarina - UDESC

60

50

40

0

10

20

60

50

40

## PREFÁCIO

*Odisséia 116* do dramaturgo Cleilson Lopes nos convida a embarcar com ele em uma viagem. Um jovem empreende uma jornada em busca de conhecimento, tempos depois, retorna a casa paterna, mas embora tudo lhe pareça familiar, o que ele deixou já não mais existe. Talvez você já tenha visto algo familiar? Talvez você também já tenha deixado o conforto de sua casa para viajar para outra cidade, outro estado, talvez outro país em busca de algo... uma oportunidade de mudança de vida, um emprego, um curso, um amor... quantas coisas aconteceram na viagem? Como o caminho foi lhe transformando? Talvez, você tenha voltado um dia para a sua antiga casa, para sua família, e o que encontrou?

Em diversas culturas há lendas, contos e histórias verídicas sobre meninos e meninas que deixam o conforto de seus lares para buscar uma transformação pessoal em lugares distantes. Podemos facilmente nos lembrar de dois exemplos que já fazem parte de nossas vidas

contemporâneas onde as escolas, as igrejas, a televisão e a internet nos habituaram a apreciar histórias em formato de telenovelas, romances, quadrinhos, parábolas, animes e web-séries. Quem não se lembra que há dois mil anos atrás, existiu uma criança de 12 anos chamada Jesus, nas terras que hoje são a Palestina, que sumiu da casa dos pais e foi encontrada tempos depois em um debate com velhos sábios? Esse jovem reaparece posteriormente nas narrativas bíblicas já aos trinta anos, caminhando com um grupo de apóstolos pregando a palavra de Deus em comunidades rurais. Muitos de nós também já soube de uma história ainda mais antiga: No século V a.C. o jovem príncipe Sidarta Gautama do reino de Shakya no Sul do atual Nepal, com a ajuda de um servo fugiu do castelo deixando para trás seu reino para viver a experiência de asceta em busca da iluminação espiritual e ficou conhecido como Shakyamuni Buda.

A estrada permitiu que estes jovens caminhassem e que ao longo do caminho fossem questionando o que parecia óbvio, o que era dado como certo e irrefutável, ambos buscavam a verdade última. O caminhar e o próprio caminho se tornou sinônimo de busca espiritual. Suas

jornadas foram transformadas em duas grandes e influentes correntes religiosas e filosóficas que ajudaram a moldar o Ocidente e o Oriente.

No campo das filosofias espirituais a jornada de abandonar a terra natal é o primeiro passo rumo ao conhecimento. A peça BR 116 evoca, a meu ver este princípio. E há uma fricção na narrativa tecida habilmente por Cleilson: ele trabalha sua jornada pessoal como jovem artista e estudante cearense que migra para o Rio de Janeiro em busca de conhecimento. A figura de Cleilson se fricciona a identidade mítica do jovem Telêmaco, personagem da narrativa homérica. Cleilson faz parte de uma linhagem consolidada da tradição literária brasileira, principalmente da dramaturgia que se inspira na mitologia grega para criar enredos, situações e personagens. Há uma variedade de estudos acadêmicos que apontam, como certas obras de Nelson Rodrigues, Agostinho Olavo, Newton Moreno, Chico Buarque e Paulo Pontes; Tânia Brandão, Jocy de Oliveira e Luciana Lyra ecoam a mitologia grega.

A narrativa poética atribuída a Homero na antiga Grécia, passou da transmissão oral ao registro escrito apenas

no século VIII a.C. A *Odisséia*, por sua vez, é um longo poema que narra a jornada de retorno ao lar do guerreiro Odisseu, após ter lutado por dez anos na Guerra de Tróia. Homem feito, astuto e hábil deixou à contra-gosto a esposa Penélope e o pequeno filho Telêmaco para embarcar com centenas de outros homens para Tróia. Não estava em busca de conhecimento, mas sim para defender algo até hoje questionado pelas estudiosas e estudiosos de cultura e literatura clássica grega: o discurso que compeliu uma nação inteira a gastar seus recursos e sacrificar seus homens. Parece pouco plausível hoje. Como pensar que uma guerra brutal possa ser feita contra um povo, por um motivo aparentemente tão fútil como a fuga da princesa espartana Helena de seu casamento com o rei Menelau? Ou esse motivo que envolve o amor romântico versus a honra de um homem poderoso seria apenas uma cortina de fumaça para encobrir interesses econômicos da cidade-estado Esparta em relação a cidade-estado Tróia. Pensar na justificativa pequena e fútil, que encobre interesses geopolíticos e econômicos da guerra mítica de Esparta contra Tróia talvez nos ajude a questionar os motivos que colocam milhares de crianças, idosos, mulheres, doentes e jovens a serem vítimas de exércitos treinados, mísseis

e enxames de drones que destroem hospitais, escolas e campos de refugiados em vários países HOJE.

Mas voltemos a Homero e sua narrativa mítica, pois ao focarmos em uma história mítica ou antiga criamos o “distanciamento” emotivo dos/as espectadores para que consigam observar o que há de essencial em uma história que repete as mesmas estruturas de poder e conflitos em diferentes momentos e contextos históricos. Quando é doloroso e desesperador olhar as imagens das guerras atuais, e é impossível dialogar com quem defende o massacre de inocentes, podemos recorrer talvez, a Bertold Brecht e a Judith Butler que reescreveram o mito grego de Antígona para platéias no século XX e XXI pensarem sobre os governos autoritários, e as decisões arbitrárias em momentos de guerra.

A *Odisséia* de Homero se concentra em um universo onde deuses e deusas definem e intervêm diretamente no destino de heróis e heroínas, seres fantásticos e famílias nobres. Já o povo (pessoas como nós, de carne e osso, com contas para pagar) — as servas, as escravas, os agricultores e barqueiros, os pastores de ovelhas e porcos

são apenas coadjuvantes que ajudam o herói Odisseu em seu retorno a sua casa na ilha chamada Ítaca.

A peça de Cleilson estrutura-se como pós-moderna e ao mesmo tempo arcaica. Projeta fotografias feitas por ele da paisagem mutante. As imagens são texto em diálogo com os personagens que Cleilson/Telêmaco encontra ao longo da estrada. Vídeos e vozes em *off* relembram as pessoas que o dramaturgo entrevistou entre Iguatu “uma das cidades mais quentes do Brasil” e o Rio de Janeiro, que um dia foi a cidade maravilhosa. O caminho é feito pela estrada de rodagem BR 116, onde o ônibus é a grande embarcação que permite o encontro, a troca de olhares, a oportunidade das conversas entre pessoas com destinos diferentes. Nas paradas, nas rodoviárias que pontuam essa grande linha de trânsito de milhares de pessoas, Telêmaco encontra outras pessoas, gente como ele, de carne e osso e quem dos deuses do Olimpo não recebe nem ajuda, nem destino. As personagens como no poema homérico falam diretamente para a platéia, rememorando momentos felizes, traições e aprendizados. Seus corpos ganham várias dimensões temporais e por vezes se dissolvem como em uma viagem psicodélica.

Mas a grande revolução de Cleílson é obliterar Odisseu, e convocar as personagens femininas para o centro da narrativa. Sendo assim, são as mulheres que tem a voz e a vez nessa *Odisseia* 116.

**Maria Brígida de Miranda**

Professora titular de Artes Cênicas  
da Universidade do Estado e Santa Catarina - UDESC  
Florianópolis, “ilha das Bruxas” 10 de agosto de 2024

60

50

40

0

10

20

60

50

40

*Este texto e viagem não seriam possíveis sem minha amiga querida Ana Raquel Machado, que fez a viagem comigo, as entrevistas e algumas fotografias. A ela, o meu agradecimento especial.*

*Durante o processo de escrita da Odisséia 116, tracei diálogos imprescindíveis com minha orientadora de mestrado e amiga Professora Dra. Ana Bernstein. Serei eternamente grato pelas trocas, aprendizagens e orientações.*

60

50

40

0

10

20

60

50

40

## PRÓLOGO

Voltar,

Reencontrar imagens, molhar as raízes, olhar em direção  
ao sol fervente, e num desnorteamento psicodélico se  
deparar com demônios homônimos, pseudônimos.

Voltar é migrar com,

É tocar nas memórias e mais, é interferir nelas, é romper,  
reelaborar.

É a licença do poeta, é a licença do migrante, é a licença  
do nordestino fabulante.

É o caos da pergunta mal pensada, distorcida, a pergunta  
no corpo vivida.

Quarenta e oito horas de estrada.

Três dias, duas noites, duas noites, três dias, e vez em  
quando umas paradas.

E nesta epopeia, que para muitos não têm sentido,

Peço aqui uma licencinha para a metáfora. Podemos  
recriar o percebido.

E aí um caboclo entra, depois outro caboclo, depois outro, e depois mais dois caboclos bem casados com seu alfinim no colo.

Para onde vão?

Por que vão?

Pense numa curiosidade que eu tenho é deste povo que tá e não tá no mesmo lugar.

Do Rio de Janeiro ao Ceará,

É o corpo bem pertinho mas tão longe em pensamento.

É ansiedade numa curva, é saudade numa parada.

E o ônibus em seu tempo...

É choro no banheiro, é a fila, é o chuveiro.

É a vida e a arte.

Não, desculpa mais uma vez, eu não queria falar isto.

Redigo então:

É fazer da vida, arte.

Voltar é ampliar os limites, é borrar as fronteiras.

É ser o narrador da sua própria história. É o profano e o sagrado, é o seco e o molhado, é o rico e o desgraçado

Fazendo do corpo um documento embriagado.

E quando me perguntam: por que voltar?

Eu paro, penso, olho...

Eu como nordestino, e não nordestinado,

Não penso em seca, morte, terra rachada.

Deixo essa função para o romântico.

Mas aqui mostro minha lacuna, sim, pois aqui parado  
eu estou desnortado

Eu me perco nas camadas, dentro das páginas dobradas  
De uma forma ou de outra, é este meu cântico.

E pra começar tomo emprestado um passarinho bonitinho  
chamado Patativa, que diz: Cante lá que eu canto cá.

Eu, que só quero cantar e ser cantado.

Ouvir e ser ouvido.

No caos do entre.

Lá,

E,

Cá.

Cair, lá

Na identidade fluante.

E nesta saudade arretada, que me faz ir, mais adiante  
e me faz voltar.

Na plenitude do inconstante...

Texto escrito antes da viagem ser feita. Vocês perceberam? Texto redondo, delicado, acabado, texto docilizado. Fabricado, texto fabricado, texto vislumbrado, projetado. Eu só não sabia que voltar não mais.... Foi o que eu quis dizer, quando eu tentei, quando eu tomei a estrada que... Não havia mais quem, não havia mais onde. As fotografias criaram mofo e eu já tenho que me esforçar muito pra lembrar. Eu escrevi um prólogo de um conto de fadas. Eu, eu estou em crise, à deriva. Não há mais pra quem, não há mais pra onde. Extrair a coluna cervical de um texto é docemente doloroso.



Alguém  
aqui  
já  
sentiu

# sau- da- de?

Desculpa, eu prometo que não vou mais tocar neste assunto.

O Ricardo estava voltando porque a sua cidade deveria estar melhor depois que um ano se passou, as notícias que ele recebia via *whatsapp* eram que em Monsenhor Tabosa, cidade do interior do Ceará, já tinha chegado asfalto e ele estava indo reencontrar a sua esposa. Já a Vanderlane não, mulher do Crato e mãe de um recém-cineasta, se apaixonou pela cidade de Vitória da Conquista, sertão da Bahia e resolveu morar lá, bem de boa com seu sorriso de canto de boca e seus óculos escuros. Eraldo, pernambucano de Exu, terra de Luiz Gonzaga, voltou depois de 17 anos morando no Rio de Janeiro. Chegou na rodoviária com duas malas, uma em cada lado da mão buscando pela sua família, só que seus irmãos não reconheciam mais o seu rosto. A Maria Fernandes estava voltando para encontrar o seu pai doente e eu sentia que ela estava aflita, mas tentava não transparecer a sua ansiedade. Ele, Denilson, um garoto de 19 anos, boné, muita simpatia e a mania de sempre olhar para baixo quando refletia sobre o que falar, havia passado nove meses morando no Rio de Janeiro, e estava voltando porque a saudade da sua filha Sofia de dois anos falava mais alto.

## Alguém aqui já sentiu saudade?

Eu quase não lembro mais.

Eu tive saudade de duas coisas: parte delas pode ser comprovada por um documento, uma mensagem, uma carta, fotografia, certidão de nascimento. Neste tipo de saudade existia uma ponte, um caminho, terra vermelha, queijo coalho, uma mãe, um pai, fotos antigas. Existia o rio Jaguaribe, um sol quente, quente de lascas, um fusca, um fusca laranja. Doce de gergelim. Um outro tipo de saudade esquisita, é uma de que eu não tenho documentos, mas eu estive lá com certeza, como documento eu tenho meu corpo, a minha palavra, a minha franqueza, parte de um lugar que eu não sei explicar, mas era de uma delicadeza capaz de se deleitar com o acaso, com os espaços vazios, com a possibilidade de errar, sabe, com a capacidade de errar, com a grandiosidade do erro. Ela vinha antes de dormir na minha insônia, ela vinha nos meus sonhos. Ela vinha na rua, andando sozinho pelo caos da cidade grande. Quando respirava uma maresia fria com cheiro de

peixe de um mar azul, mas que tem vermelho no nome. Eu tinha uma saudade arretada de estar na neve, vendo a aurora boreal. De visitar Júpiter, da casa na árvore de cerejeira que eu construí. De uma época em que eu era cavalo-marinho. Saudade de beijar as nuvens, as nuvens que são leves e corriam com toda aquela delicadeza. Eu parti sem me despedir de ninguém. (*pausa*) Eu peguei um ônibus no interior do Ceará com destino para o Rio de Janeiro sem me despedir de ninguém. Saudades de todos os ninguéns, pessoas de tanta profundidade.



Odisseu, pai de Telemaco, marido de Penélope, filho de Laerte que se mete a viajar entre o Rio de Janeiro e o Ceará. Um filho que vai tentar encontrar o pai sem mesmo reconhecer o seu próprio rosto. Um pai que tenta voltar para casa e não lembra o caminho de volta, vagando durante dez anos, à deriva. Uma sereia, que canta em silêncio. Um olho que tudo vê e nada percebe. Uma deusa próxima, coruja. Uma mãe e esposa, que prepara a mortalha para o seu sogro. Eu estou numa viagem, são três dias e duas noites numa estrada de ônibus, de trem, de barco eu já não sei mais... Então viajo por uma BR, chamada 116, que aqui também é mar. É justamente daqui, sim de onde vocês estão vendo, do meu lugar que eu me perco.

## O ATO DE VOLTAR.

Eu queria dizer que o que eu sinto é que ainda não sei de nada. Quando a palavra começa a se formar na minha boca ela cai. Eu a vejo no chão e é frustrante. Ela escorre por entre as pedras e a grama, ela evapora, ela entra na terra, ela seca. O líquido das minhas pupilas, também seca; a saliva seca, estou seco. Como um cacto na paisagem seca eu tento reter todo o líquido de palavras dentro de mim. O meu estômago pedra, meus olhos águia, meus poros tentam sorver tudo em 360 graus. Às vezes o sol escaldante sufoca o mundo como uma noite de inverno. Em silêncio eu olho para todas aquelas pessoas e todas as malas amontoadas no espaço. Então o meu corpo é puxado com uma força, um impulso inimaginável. Eu ando por vezes com uma câmera na mão, por vezes sozinho, eu giro em torno do meu eixo. Então eu vejo os olhos, eu marco os olhos, eu entro nos olhos e sou fisgado por um misto de curiosidade com aproximação. Aproximação não, identificação seria uma palavra melhor neste caso. Eu entrei no ônibus.

O barco saiu da rodoviária Novo Rio, no dia 15 de janeiro de 2017 às 15:30h, da plataforma 44. Os três dias de viagem começavam naquele momento e então eu voltei a olhar para os olhos. Temerosos, inquietos, inseguros, chorosos, ansiosos, prazerosos, esperançosos. Todos aqueles olhos foram minha seta, minha bússola, por onde eu poderia caminhar. Estes olhos foram a minha estrada pela BR 116.

## VIAGEM.

Oi, boa tarde. Eu sou do interior do Ceará e estou fazendo esta viagem em busca de... Boa noite, tudo bem? Eu sou estudante, estou fazendo uma pesquisa para.... Oi, eu sou ator e estou fazendo algumas entrevistas, posso falar com você depois sobre... Bom dia, tudo bem? Eu estou aqui com esta câmera para coletar algumas falas.... Desculpa incomodar sua viagem, mas eu poderia falar com você por um minuto? É para um trabalho lá do.... Oi, eu sou do Ceará, mas moro no Rio e agora eu estou num momento da minha vida que eu preciso fazer... Boa tarde, tudo bem? Será que depois do almoço você poderia me falar um pouco sobre como tem sido.... Claro, eu espero você escovar os dentes.... Com licença, você poderia falar um pouco sobre a viagem... desculpa, você estava dormindo? Não? Ai que bom! É que eu venho pensando num trabalho que eu acho que... Eu, eu, eu, eu, eu sou; eu estou; eu vou para; eu quero; eu venho de; eu desejo; eu sonho; eu sinto; eu tenho; eu perco... eu esqueço.... Perdão eu estou fazendo esta viagem de volta para minha

cidade para ouvir você. Você, você, você, você, você que está; você que vai para; você que quer; você que vem de; você que deseja; você que sonha; você que sente; você que tem; você que perde; você que esquece.... Você poderia falar comigo?

Telemaco na rodoviária de Iguatu: Boa noite, tudo bem? Eu não conheço o meu pai. Ele saiu de casa quando eu ainda era moleque e eu peguei este ônibus para buscar notícias dele. Minto, eu matei o meu pai. Eu o matei com uma flecha no peito. Sempre fui ótimo atirador. Eu não estou aqui para falar de um herói, mas daquele que se foi, porque o que eu sou depende das ações do meu pai. Eu estou em crise. Desculpa, é que enquanto eu busco por ninguém, uma coruja canta sobre a minha cabeça. Eu não era assim, eu tinha uma coluna vertebral, mas acabaram de arrancá-la. Eu juro que não era assim, disto eu lembro. Quando eu tinha dez anos, meu pai me pediu para que eu esperasse ele aqui na rodoviária. Já se passaram 17 anos e ele ainda não voltou. Eu abracei meu pai no décimo oitavo ano. Eu rumino a cabeça do meu pai desde então. Eu impedi meu pai de ir embora em incontáveis projeções. Eu estou viajando porque meu pai está doente e eu não sei mais se vou vê-lo vivo. Eu sou meu pai. Eu sou todas as suas rugas, cicatrizes, eu sou as suas derivas, sou o rastro e a pegada no chão que ele deixou. A fumaça do ônibus sou eu também. Sou o meu abandono, a ausência de mim quando criança. O cheiro dele pela casa, o cheiro de suor pela casa, o cheiro

de porcos pela casa, tudo está aqui. Sou um fantasma. Eu não era assim, eu juro, mas arrancaram linhas dos meus braços, das minhas pernas. Sim, eu continuo aqui, mas parte das linhas está correndo lá fora. As minhas linhas lá fora brincam com um menino. Um menino de olhar triste, um menino abandonado pelo pai, um menino sozinho, um menino que corria por todo este teatro. Ele parou, olhou no fundo dos meus olhos e disse: “minha mãe chora todos os dias” ... desculpa, eu não queria sair daqui. Dizem que meu pai se perdeu e não acha o caminho de casa.... Bem, é o que os outros tão falando aí, eu não sei. Caralho, o que eu tô fazendo na porra dessa rodoviária. A gente nunca tem muita certeza né? E você, para onde é que você está indo?

## FOTOGRAFIA

Eu estou neste movimento porque eu não consigo.... Existe uma janela. Um vidro entre mim e o horizonte. Todas as imagens, todas as paisagens são dinâmicas, são móveis. São imagens em devir. Elas vão se transformando com muita velocidade. Há um movimento duplo acontecendo dentro de mim. O primeiro deles me chama a observar as pessoas dentro do ônibus e o segundo me puxa para fora com uma força descomunal, para um horizonte muitas vezes úmido, frio, nebuloso, outras árido, seco, castigado, engraçado, colorido, obscuro, nostálgico. É então que sem perceber, minha mão tocava a janela do ônibus. Como se através do tato do vidro transparente, eu conseguisse sentir a imagem. Sabe, senti-la se formando, se embaçando, se deformando, deixa-la ficar para trás ou muitas vezes seguí-la até o último suspiro. Era com a mão na janela transparente que se completava meu toque. Era assim que eu conseguia ser parte daquela imagem. Era assim que fazia daquela janela não o meu muro, mas o meu instrumento. Rio de Janeiro, Belford Roxo, Além-

-Paraíba, Muriaé, Leopoldina. Esta era a sina que se dava, que acontecia em viagem. A cada parada uma bagagem ia embora e outra entrava. Mais olhos se aproximando, outros então se distanciavam e neste momento os dois movimentos se encontravam. Sim, porque aquele que antes estava dentro do ônibus sendo entrevistado, agora era parte da imagem lá de fora? Na mesma dinâmica, é difícil lidar com a perda. No último suspiro da imagem, na iminência de se perder eu via lágrimas, abraços, carinhos... Feira de Santana, Governador Valadares, Teófilo Otonni, Jequié, Taubaté, Tucano, Euclides da Cunha. Se impunha dentro de mim então uma lembrança: ilha de Eolo, terra do deus dos ventos da Odisseia. Esta ilha não se encontra em nenhum mapa, porque está em constante movimento e transformação. Eu percebia então que não somente eu estava em movimento, mas o próprio espaço se movimentava. Tanto dentro do ônibus quanto fora dele, eram poucos os momentos de suspensão. As nuvens se movimentavam tão rapidamente quanto o próprio ônibus, num jogo estonteante de luz e sombra. Sobre riacho, caatinga, chapada, montanha, pedra, cacto, grama, estrada. Talvez aqui a única suspensão possível seja aquela registrada pela fotografia



0

10

20

*odísseia 116*

40





*odisseia 116*

42



É então que este eu frustrado, começa a perceber que até as imagens dançam. Algumas vezes, entre uma cidade e outra a minha garganta começava a pesar, então de repente me vinha um pigarro. Minutos depois eu tossia, só que não estava doente, o que acontecia é que eu engasgava com a poeira das estrelas. Feira de Santana, Santa Barbara, Areias, Petrolina, Canudos, Salgueiro, Exu, Cabrobó. As paisagens davam um nó, um emaranhado de imagens em quarenta e oito horas de viagem. Era em movimento, dentro, fora e entre que a Odisseia de cada um ali se dava. Era num jogo de tensões em que a experiência se colocava e confesso que aqui, a palavra se movimenta, mas não se basta.

Chorozinho, Crato, Limoeiro do Norte, Brejo Santo, Jaguaribe, Icó, Iguatu. Eu que venho de; eu que vou para; eu que escuto; eu que danço; eu que me alegro; eu que me frustro agora desço na minha cidade natal. Eu, eu, eu. Eu então sou a última distância desta narrativa, saindo da minha poltrona cativa de lombar dolorida, de pés inchados, de dores, lembranças, com o amontoado de bagagens se despedindo lá fora da janela. Então o ônibus que também é barco seguiu. Eu olhei para a ja-

nela por uma última vez e não vi quem sentou no meu lugar, lembro de ficar curioso. Agora peço licença para citar diretamente o Homero e a Odisseia pela primeira vez nesta peça:

abre aspas

# Eu de forma alguma conseguiria

*odísseia* 116

46

*odísseia 116*

47

**ver algo mais doce  
que a terra da gente.**

Pode fechar.



*odísseia 116*

48

**Calipso deusa divina na BR 116, km 215:** Tá gravando? É difícil se despedir né? Ele acabou de sair daqui. (*pausa*). Desculpa, é que desde que ele foi embora, um rio começou a passar dentro de mim. Eu ainda consigo ver as marcas dos sapatos. As pegadas dos seus dedos tortos na areia do mar. Chegou aqui na cidade faz alguns anos, sensível, fraco. Foi então que eu me apaixonei. Eu, uma mulher independente totalmente encantada pelo viajante. Então ele pegou tudo o que eu havia lhe prometido e jogou fora. Disse para mim que precisava voltar. Voltar para o seu filho, sua esposa. Ele chorava, se lamentava como uma criança mimada. (*pequena pausa*) Quem, ele? Sim, acabou de sair daqui. Sim, partiu agora, neste instante, me deixou aqui, sozinha, inerte, eterna. Ele? Você quer saber mais dele? E de mim, você não quer saber nada? Ele vai seguir a história dele querido. Já eu fico aqui como a mal-amada, a fodida, a abandonada, a esquecida, a sozinha. Parada nesta rodoviária, exatamente sem ir para lugar nenhum. Lidando com as minhas pernas petrificadas enquanto o viajante segue. Eu estou grávida de um sonho. (*pausa*) Vai querido, leva teu nome. Vai lindo, fala de mim como a mulher não correspondida, sozinha e patética. Vai lá, viaja meu amor, quem sabe um

60

50

40

dia você não esbarra aqui novamente? É xuxu, quem sabe este ônibus aí não quebra? Vai ursinho, me nega para tua esposa e para o teu filho, nega nossas noites de amor porque sim; você também quis meu querido, eu não lhe obriguei. Vai, carrega consigo... que? Oi? Querido, não me interrompa não, eu tô aqui mandando um recado, não sei se você percebeu. Não, não quero mais falar de mim não, eu quero falar é com ele. Vai cigano, some no mundo, à sorte dos outros e esquece da proteção que eu te dava. Vai lá pra tua esposa. Vai lá e nega que gostava dos beijos de uma mulher como eu. E só mais uma coisa, quando você estiver velho e cansado, não me aparece aqui. Vai, vai, vai, vai, morre, vai para o inferno, pega o maldito deste ônibus, desaparece daqui, vai. *(pausa)*. Você acabou de sair daqui, mas eu já sinto tanto a sua falta meu amor. Ai... Mudaram o curso do rio e ele está passando pela minha garganta. É difícil se despedir. A gente nunca tem muita certeza.

0

10

20

60

50

40

*odísseia 116*

51

# Cuidado, cuidado com as malas.

Pode, pode subir sim,  
mas bem devagarzinho.

**Devagar cão.**

Esta aqui você leva com

**cuidado.**

**Com cuidado.**

Cuidado com os pão,  
**infeliz.**  
Cuidado que vai  
**amassar.**  
Ai meu deus,  
**vai virar**  
farinha...

Esta fala foi de uma senhora que subiu no ônibus na Bahia. Ela tinha uns 92 anos. Subiu com um pouco de dificuldades. Minha surpresa foi maior quando logo atrás subia a mãe desta senhora, que pelas minhas contas deveria ter 139 anos, ela mal falava. Vinha subindo com a ajuda do motorista, aquele que há pouco foi chamado de cão e infeliz. Diferente das outras pessoas que foram entrevistadas, eu preferi somente observá-las, não sei o nome delas, a idade real. Sei somente que subiram numa cidade do interior da Bahia e desceram no Rio de Janeiro. Numa das paradas, a senhora que era filha estava fumando um cigarro e eu ouvi quando um dos motoristas perguntou: está fumando aí para não fumar perto da sua mãe, não é? Ela prontamente com uma cara de pouca paciência, respondeu: “Hum, ela também fuma!”. A última lembrança que tenho delas foi à noite. O ônibus estava escuro e eu estava quase dormindo quando vi a pequena luz nas suas poltronas. Estavam com uma caixa de plásticos destas que guardam botões, só que cheia de remédios. Era bonita aquela imagem porque numa penumbra se via somente a silhueta, a caixa de remédios e os cabelos brancos da mãe e da filha. Então, elas se drogaram pela última vez naquela noite e dormiram.

Eu descí, e quando cheguei lá, mergulhei dentro de um *iceberg*. Eu descí e quanto mais eu descia, mais eu me distanciava daquele sol quente. Eu descí para assistir aos meus sonhos em duas telas de plasma, que acompanhavam a ribanceira do rio gelado. Descí sim, descí, procurei, encontrei, perdi, descí e olhando para cima eu conseguia enxergar os meus calcanhares. Se eu levantasse as mãos, eu poderia..., mas não, eu queria descer ainda mais no meu inferno de gelo, naquele inferno glacial. Eu conseguia tocar as minhas experiências de quase morte. Eu conseguia cartografar as minhas psicodelias. Eu vi todos os fantasmas perambulando pelo lago, pelo barco, ônibus, rodoviária, eu já não sei mais... eu descí. Eu via cruzeiros durante o percurso, acidentes. Descí mais e vi meus avós, mesmo me recordando pouco do rosto deles. Descí, sim e quanto mais eu descia, menos as palavras faziam sentido. Eu não sabia que uma premonição me custaria tão caro. Sacrifício de merda! Quando eu vi que minha mãe estava lá eu chorei. As minhas lágrimas desrespeitavam a gravidade, subiam pela minha testa e iam embora. Foi então que eu percebi que o barqueiro estava distraído e quando o meu nome foi pronunciado eu abracei-o por trás. No momento em que o ar dos seus





Sereia no Bar rabo de peixe da rodoviária de Petrolina: Tá gravando? Ai gente, minha chance, vou arrasar. Não, espera. Antes de a gente começar, por favor conta até três, que aí eu me preparo melhor. Tá pegando o meu melhor ângulo? Ótimo, já estou pronta, 1, 2, 3... (*feliz e sorridente como num comercial*). Boa noite meu Brasil, boa noite viajantes, boa noite meu rio São Francisco. Este aqui é o bar rabo de peixe, da rodoviária de Petrolina, e é um prazer para nós, passar esta meia-hora de jantar com todos vocês. A primeira notícia boa é que o dono do bar ficou maluco e a primeira rodada de cachaça é por conta da casa amores. A segunda notícia é que hoje em especial, estão fazendo um filme documentário sobre a história do bar, então, antes de cantar qualquer coisa, me pediram para falar um pouco sobre os viajantes que passam por aqui diariamente e a minha história com o bar. Pois bem, não vou me alongar não. Só vou contar a história de uma paixão. Hum, olha ela. É que eu não tô morta. Para quem não me conhece eu me chamo Sereia. Não, não é brincadeira, juro. Maria Sereia Benedito da Silva, registrada em cartório. Trabalho aqui há alguns anos alegrando a casa nas noites de sexta e sábado. Alguém aqui já se apaixonou à primeira vista? (*pequena pausa*).

Ai gente, desculpa, eu nem preparei vocês. Eu não era assim, eu tinha uma coluna vertebral, mas acabaram de arrancá-la e eu ainda sinto os efeitos colaterais. Mas eu posso jurar que não era assim, disto eu lembro. Uma pergunta como esta invadindo de repente o espaço causa embaraço, alvoroço, eu sei. Escuto risadas da plateia, olha que delícia. Eu também, e aconteceu cantando aqui no rabo de peixe, sim, cantando num bar, porque não? Artista também ama, amor. Ele sentou com uns amigos na mesa. Já estávamos quase fechando, os amigos dele sem querer entrar, com vontade de ir embora. Ele me viu cantando, me abriu um sorriso largo. Sentou, se despediu dos amigos e disse que ficaria mais um pouco. Ele estava cansado, parecia estar viajando há muito tempo. Me chamou, eu fui meio trêmula. Ele pôs vinte reais na minha mão e fez o pedido da canção no meu ouvido. Eu senti um arrepio descendo pela minha nuca, peito, ombro, braço, mão e dedos. Eu senti o arrepio caindo. Foi como o afluente de um rio. Então eu fui lá, me posicionei de frente para ele e cantei. Quando eu abri os olhos, o rio secou e ele não estava mais lá. Somente um guardanapo, com uma frase escrita. É, sinceramente? Uma sacanagem. Eita porra, falei palavrão, sacanagem é palavrão? E porra? Pois então,

pois então, é uma sacanagem, porra. Senhor? O senhor tá bem? Quer falar alguma coisa com a gente? Aproveita que tá filmando. O senhor tá meio pálido, quer uma água?

*odísseia 116*

60

*Não, não quero falar nada não, só tô um pouco cansado. Tem cachaça ainda? Me vê duas doses. Eu tô vindo de Iguatu. Iguatu não chove, é seco, cidade quente da peste. Já tô viajando há um dia já, indo pro Rio de Janeiro pra tentar trabalhar de servente porque a minha cidade não presta. Em Iguatu eu trabalhava de agricultor. Mas não chove. Disseram que ia passar um rio por lá. Passou? Hum, o maior rio do mundo. Você sabia? Sabia que o rio Jaguaribe que passa lá no Iguatu é o maior rio do mundo? O maior rio*

# SECO

*do mundo. Ele nem tem o direito de cair no mar e morrer. Cidade quente da peste. Eu queria mesmo era só encontrar uma vida melhor do que a vida que eu vivo. Se eu encontrar eu demoro, eu fico por lá. Quando a gente vê que alguma coisa não tá dando certo a gente muda. Se eu não encontrar eu volto, porque eu tô deixando uma*

*mulher e seis filhos em casa. E muita conta pra pagar. Eu tava passando ali pela cidade de Salgueiro e sabe como tava a obra do rio São Francisco?*

# PARADA

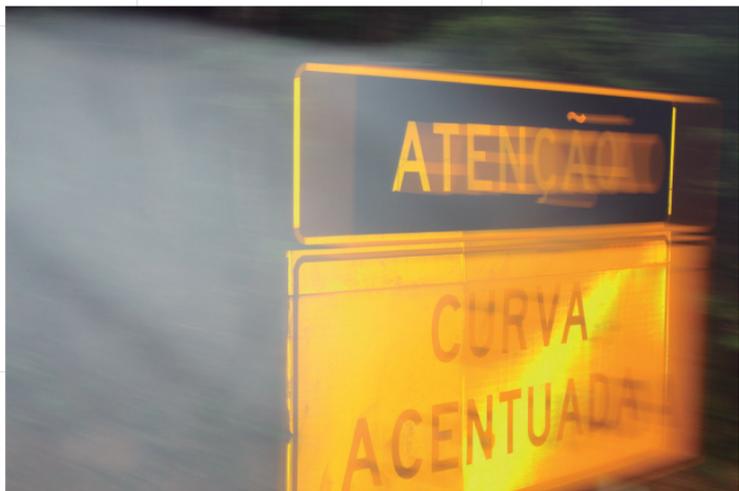
*Deveria já ter acabado, mas está parada. Eu acho que o rio estancou aqui dentro e ficou. Não, ele nem chegou, ele deve ter evaporado antes de chegar aqui. O que chegou tá aqui na minha mão, olha. (batendo no peito). A cidade que tá aqui dentro é quente pra peste. Sobrou cachaça ainda? Traz mais duas doses. Você canta é? Podia cantar uma pra mim?*

Não estava no ônibus. Pára. Nem na ida nem na volta, somente entre o caminho. Pára. Simpático, me recebeu na sua cidade e trocou conversa, sem se importar com quem. Pronto, parei, parei, não tem nada a ver, não é. Como é mesmo que se diz? Necessário. (*pequena pausa*). Eu nem percebia que o tempo estava passando de trem. Ele, alegria, generosidade. Pára, eu já falei. Ele olhava para trás na sagacidade de quem já tinha vivido muito, e quem sabe não tenha mesmo este feito? Apaga a luz por favor. Tá sem condições. Eu tô querendo pular este texto, mas ele tá vindo desconexo, desfragmentado, eu não escrevi isto, eu juro. Lembrança: ele parava uns minutos e vinha sempre com o recorte tão belo, e eu aqui na frente de vocês me desfazendo. *Stop*, porra nem em inglês funciona. O avião demora três horas, o ônibus três dias, o trem 18 dias. A lembrança do trem é mais esgarçada, tem mais pausa, mais respiração. A fumaça que se agarra ao corpo é rastro. “Passei três dias esperando o trem. O trem se chamava Maria Fumaça. O trem velho à lenha, você tocava fogo nele aqui e ele papocava no meio do mundo, a fumaça tapava assim e a brasa voando... quando eu cheguei em Jequié da Bahia passei mais três dias para esperar o outro trem. O que eu ia passava

em Salvador e o outro passava para... esqueci o nome da cidade. Eu sei que quando eu cheguei em São Paulo, estava com dezoito dias que eu tinha saído da casa do meu pai. Cheguei com a roupa toda queimada daquelas faíscas do trem, só fendendo a fumaça com a roupa toda queimada. Não dava tempo de trocar a roupa nem nada.” Perdão, eu fiquei meio tonto, é que na terra dos outros sempre faz um pouco de frio, pára. Quando eu perguntei do que ele sentia falta do Ceará, ele olhou nos meus olhos e disse: de tudo. (*pequena pausa*). Ô terra quente da peste. Menino, nordestino, “franzino assim como tu”, se referindo a mim em suas palavras, cidade grande, trem, pau-de- arara, pinga-pinga, década de cinquenta, voltar. Nordestino, franzino, sem documentos, tira do couro seus fascínios, seus tormentos, seus lamentos. Pára, volta pra estrada, pro rio, sintoniza este rádio de novo, é 92,9. Pára de se martirizar, sai deste desvio. Você vai se desfazer na frente dos outros. Olha, eu sei que se conselho fosse bom a gente vendia, mas as vezes é necessário fingir que é possível voltar só por um momento...

...ansiosos, tristes, rancorosos, esperançosos, inquietos, vívidos, coloridos, experientes os olhos, destruídos, cicatrizados. Tá gravando? Eu não tô conseguindo ver. Corriam os corredores, percorriam as poltronas, cortavam o horizonte, eram atravessados e atravessavam. Paravam entre um gole e outro de um café quente, desvendavam as imagens, cortavam as paisagens em camadas. Encantavam-se pela paisagem, distanciavam-se, destruíam-nas. Piscavam, ainda havia muito tempo para piscar. Os olhos são quilômetros de uma estrada percorrida. Fechados eles são um rio que flui para dentro. Uma lança atravessou o meu olho e um líquido de memórias vazou em pouco tempo. Estas que corriam para fora da janela, que brincavam com um menino por todo o teatro, que se posicionavam atrás de uma câmera, que eram fantasmas. Todo um líquido de memórias que me encharcou de vermelho. Encontro, saudade, esforço, rastro, cansaço, deslocamento. Caiu um cisco. Uma esfera redonda e branca boia na correnteza de um rio. Se umedece em seu percurso, pinga. Miram, por vezes, combatem, se distanciam, passam e encaram a câmera e quando a encaram. Não importa, eu só queria dizer que a força do olho chega antes da palavra. Redondos e fugidios mudam de direção.

(*blackout*) Alguém está me vendo? Dilatam-se. (*volta o vídeo*) E quando o rio seca, é ele que retém a última gota. Eu confesso, já tive muito medo de ser engolido por um olho. Já se imaginou tendo uma morte lenta e dolorosa dentro do sonho de alguém? Quando o ônibus parte, os olhos que ficam tentam reconstruir a imagem num mosaico frustrado. A memória dos olhos é só fragmento. A narrativa dos olhos é uma linha em pedaços. Os olhos pesam. O acúmulo de olhos pesa. Por vezes eu tive ressaca de olhares. Eu mesmo atravessei uma lança dentro do meu olho e me refresquei com o líquido azul que descia, diminuindo assim a temperatura do meu corpo e tudo por conta deste sol quente da peste. Eu pus um sol no lugar do meu olho furado, e desde então o meu sol tem sentido o peso de olhar para cima e ver meu olho furado jorrando líquido azul com maior ou menor intensidade. O sol sempre mereceu sentir a mesma náusea, tontura que meu olho sentia ao olhá-lo.



Então o ônibus que também é barco seguiu. Eu olhei para a janela por uma última vez e não vi quem sentou no meu lugar, lembro de ficar curioso. Agora eu peço licença para citar diretamente o Homero e a *Odisseia* pela segunda vez nesta peça: abre aspas “Eu de forma alguma conseguiria ver algo mais doce que a terra da gente.

Casa, bagagens, cansaço de três dias. Uma das minhas irmãs com a qual eu não estava falando por conta de um conflito familiar era a única pessoa em casa. O portão estava aberto. O portão, a casa vazia e o seu grande olho redondo tentando disfarçar certo rancor. Eu entrei, pus a minha bagagem e quando olhei novamente o portão, a chave da casa estava lá junto ao cadeado aberto. O rio não passava mais naquela cidade. Tirei os sapatos e deixei os meus pés respirarem. Lembro de ter montado a câmera para falar algo. Montei o tripé, pus a câmera, coloquei uma cadeira num dos fundos de parede laranja de gosto duvidoso e me posicionei diante da mesma. Eu não era assim, acabaram de arrancar a minha coluna cervical, mas eu não era assim, disto eu lembro. Enquanto a câmera estava ligada as linhas dos meus braços e pernas tomavam toda a casa. Um rio passava entre mim e a câmera

e embaçava a imagem. Eu estava à deriva dentro de casa. Eu saí do Rio de Janeiro sem me despedir de ninguém, eu peguei três dias de ônibus e não consegui voltar. Eu não consegui falar. Diante da câmera, o rio afogou as minhas palavras.

*Uma vez  
uma pessoa me disse  
que deve ser um  
inferno  
ter um artista  
autobiográfico  
na família.*

Cheguei, eu pus o pé na minha ilha. Cheguei eu comi terra, areia, farinha. Cheguei, mas antes de chegar eu mamei nas tetas das vacas sagradas. Cheguei, mas quando eu cheguei não mais me reconheciam, e sempre quando me olhavam parecia que estavam buscando o que havia de diferente em mim. Cheguei e me sentia um campo de arqueologia, cheio de ossos antigos. Cheguei, chorei, eu sei que eu saí, mas eu cheguei, eu voltei porra. Cheguei, como se chegar fosse buscar a nascente de um rio seco. Rachadura, buraco, asfalto, praça, farmácia, farmácia, teatro fechado, farmácia, igrejas são várias.

Eu sou o filho mais novo de quatro irmãos. Tenho três irmãs mais velhas, com intervalo entre seis e oito anos de um filho para outro. Um pouco antes de nascer, no ano de 1990, o meu avô, pai do meu pai, já estava muito doente em seu leito de morte. Naquele tempo, no interior do Ceará era muito caro o teste para saber o sexo da criança, mas minha tia tentando animá-lo, disse: Você precisa esperar o nascimento do seu neto, desta vez vai ser um menino. E ele respondeu: Eu sei que vai ser um menino, mas não vou estar vivo para vê-lo. Meu avô morreu em janeiro de 1990, eu em nasci em abril do

mesmo ano. O menino, o homem que viria para casar e povoar a casa de netos.

### Responsabilidade de merda!

O meu avô, do Iguatu assim como eu, viajou para São Paulo de ônibus e no momento em que pôs o primeiro pé na rodoviária, ao invés de ver pessoas, começou a ver vacas e bois, ele viu o pasto em todos os lugares. Ele refez a imagem que estava a sua frente. Refez a imagem fora do teatro, com a população que ele mais conhecia, arrumando um jeito de ficar confortável.

Sabe a sensação de tirar as roupas num dia de calor?

Onde, meu avô, bois e vacas, outros, palavras, números, poros, fios de cabelo, linhas, sensações. Sensação boa é trazer o que a gente gosta pra perto. A maior parte da minha família, fala que o meu avô neste momento surtou, que ele ficou “ariado”. Eu discordo, eu acho que ele só saiu pra dar um passeio.

Ele gritava na rodoviária: ê boi, ô boi, êia.  
- Matuto, doido, velho esclerosado.

Êia, e ele só manobrando a boiada.

**A gente sempre  
tenta matar o  
sonho, mas  
dentro do sonho,  
a imagem não  
tem limites.**

Penelope na rodoviária novo Rio: Alguns resolvem palavras cruzadas, leem um livro, veem um filme. Dormem, há quem adore dormir. Ligam para a família, fazem amigos. Vão a bares alternativos, ao teatro... já eu costuro para matar a minha solidão, para não morrer enquanto espero. Não precisam ter pena de mim, eu estou bem (*mostrando o ponto*). Este é o meu ponto preferido, se chama fuxico. É um ponto que se faz lá no Nordeste. A gente faz um fuxico e depois vai juntando e juntando até formar um grande tecido, mas ele sempre deixa estes pequenos buracos entre um fuxico e outro. Por mais que se queira terminar, ele deixa estes espaços vazios. Nos últimos anos, eu tenho tentado lidar com a espera enquanto costuro, mas posso dizer que não é fácil. Para isto eu desenvolvi uma técnica: costuro um fuxico e desmancho dois, costuro dois e desmancho três, costuro três e desmancho quatro e assim eu vou seguindo como se estivesse enganando o tempo, como se ele não percebesse.

Espera!

*odísseia* 116

74

O tempo anda, move-se e eu aqui tentando fingir não ser objeto dele. Eu queria prender o tempo com minhas agulhas em cada uma de suas extremidades. Quando eu percebi que o tempo não parava, eu tentei me matar debaixo de uma mortalha de fuxicos.

*Desculpa, eu  
não perguntei  
se eu poderia  
falar sobre a  
morte.*

O que acontece é que a mortalha de fuxicos é cheia de espaços vazios que impediram meu sufocamento. Eu estou entre a matéria e o vazio. Me desculpem, eu não era assim, mas acabaram de arrancar a minha coluna vertebral, mas eu juro que eu não era assim. Eu tinha sangue, eu tinha cor, eu tinha nome. Só que eu estou sendo soterrada de situações inacabadas. Desculpa, desculpa, desculpa mais uma vez, desculpa! É que a cada novo grupo que chega nesta rodoviária, que finge ser teatro, eu ensaio o meu relato, refaço-o tentando fugir do aprisionamento dos meus verbos de ação e com a oportunidade desta entrevista não seria diferente. Alguns até flertam. Você está flertando comigo? Você é uma graça, um garotão. Desculpa, eu não consigo mais discernir. Eu estou cansada de estar em situações que nunca tem fim.

Então eu faço um e desmancho dois, faço dois e desmancho três, faço três e desmancho quatro... eu já devo estar repetitiva, é que quem espera tem a mania de repetir os mesmos passos. Mas agora ficarei aqui, parada, etérea, calada... enquanto ele não chega eu continuo aqui, sendo coadjuvante da minha existência. As linhas circulam todo

o meu corpo e me aprisionam aqui. Fecham meus olhos  
e tapam minha boca.

Eu tenho três cicatrizes, são estas: esta é a lindinha, florzinha e docinho, elas hoje não doem mais, só pulsam de vez em quando antes da chuva e ousou dizer que as vezes elas têm um tipo de autonomia premonitória. Houve um dia de três primeiras vezes: a primeira vez em que eu viajava do Ceará para o Rio de Janeiro, a primeira vez em que eu viajava de avião e a primeira vez em que eu... Era o dia 02 de junho de 2013, eu lembro bem porque era o dia de Santo Antonio, festa do Pau-da-Bandeira da região do Cariri. Eu estava na cidade de Juazeiro do Norte com uma mala, parado num ponto de ônibus para não esperar sozinho. Esperava algum táxi passar já que não conseguia chamar via celular. Foi quando uma moto parou com dois garotos de capacete que tinham entre quinze e dezessete anos. Um deles me abordou portando um punhal enquanto o outro esperava na moto. As pessoas do ponto de ônibus correram. Sem pensar no que estava fazendo, eu reagi, empurrei o garoto e briguei com ele. Entre socos e chutes consegui jogá-lo no chão e segurá-lo, foi quando as pessoas começaram a voltar depressa para me socorrer, e ele de forma rápida conseguiu num último impulso me desequilibrar e ficar de pé, na posição que eu estava, só que agora eu que es-

tava no chão e vulnerável. Com o punhal ainda na mão, ele terminou o ciclo e na terceira primeira vez do dia 02 de junho de 2013, um domingo pela manhã, eu fui esfaqueado três vezes. Desculpa, eu não era assim, mas acabaram de arrancar linhas das minhas pernas, mas eu juro que eu não era assim, disto eu lembro. É que desde que me tiraram sangue e que abriram três buracos nas minhas pernas, eu vi as linhas do meu corpo correndo pelo asfalto e para dentro do esgoto e isto me deixava sem força, com aparência de fantasma deitado naquele chão e gritando, mesmo que minhas experiências não conseguissem traduzir tanta dor. Naquele momento eu não era vazio, eu era matéria se decompondo. Eu era a nascente do rio que jorrava vermelho para o esgoto. Sim, pois debaixo daquele sol quente eu era número, estatística do hospital, da polícia.... o garoto que me esfaqueou tinha a idade dos meus alunos de teatro: a mesma aparência, o mesmo porte físico, a mesma falta de privilégios. Junto com o sangue, se esvaiu também a memória do seu rosto minutos depois por conta do trauma. A primeira facada pegou aqui em cima, a centímetros da artéria femoral, que se atingida poderia ter me matado em questão de segundos; a segunda perto do joelho, me deixando seis

meses sem conseguir dobrá-lo e achando que não conseguiria voltar a fazer coisas como dançar. E a terceira na perna esquerda, na panturrilha. Você quer tocar? Quando eu vestia calças compridas, as pessoas perguntavam se minha perna estava com gesso, de tamanho inchaço. No dia 02 de junho eu viajei e ainda conheci o Rio de Janeiro horas depois do acontecido. Tomei vacina antitetânica um dia depois, pois no hospital do Ceará não tinha a vacina. E foi assim que eu conheci o Rio de Janeiro, com três buracos nas pernas, um olho roxo e amparado por um guarda-chuvas que eu usava como bengala. Eu ainda não pensava que moraria no Rio de Janeiro, e muito menos que estando no Rio de Janeiro, eu sentiria saudades do Ceará. Eu jurei pra mim mesmo que evitaria tocar neste assunto porque eu tinha uma casa, eu tinha um rio, eu tinha uma cidade... e olha eu aqui, agora, falando sobre isto pra vocês nesta rodoviária que finge ser um teatro... Depois de morar na cidade grande, todos os dias pela manhã eu acordo, tomo um copo de água com duas colheres de deriva. Desculpa, é que marca de verdade machuca diferente.

**Euricleia no interior:** Eles chegaram aqui na cidade de ônibus com várias malas. Eram câmeras, refletores, microfones. Diziam eles que iriam gravar um filme. O nome do diretor era Homero, um cara com uns óculos destes fundo de garrafa, intelectual meio metido a escritor, pretensioso. Mas mesmo assim eu me candidatei como atriz profissional que sou. Meu nome é Euricleia, e eu interpretava a empregada do personagem principal, mas aqui nesta entrevista você pode me chamar de Aura. A proposta de Homero era a seguinte: ele queria viajar para o interior do Brasil de ônibus entrevistando pessoas e fotografando toda a viagem, e quando chegasse ao interior, gostaria de descobrir novos talentos para contracenar com o seu muso inspirador. O nome deste ator que inspirava Homero era Ulisses, mas no filme, ele iria fazer o personagem Odisseu. Era um galã herói, estes garotos de vinte anos e pouca experiência. O *set* de filmagem era um antigo engenho de açúcar e enquanto eu lavava a cicatriz de Odisseu, havia um *flashback* com um ator que interpretava o herói quando criança, correndo por um canal de baixo do sol quente e sendo perseguido por um porco que logo em seguida o morderia o joelho e faria aquela cicatriz. A cena era linda porque eu reco-

nhceria, o meu senhor. O mais interessante era que eu não falava nada, eu teria que mostrar o reconhecimento com o olhar. Então eu disse pra mim mesma: “vou dar o nome”. Estava olhando para baixo e no que olhei para cima, já estava chorando litros, toda emocionada. Eu engoli o galã naquela cena, eu pisei na cabeça do herói. Dois anos se passaram e eles vieram lançar o filme. E você acredita que minha cena foi cortada? A única cena que teve foco foi uma gravada dias depois em que Odisseu mata as empregadas da casa e as enforca no engenho. A proposta do diretor foi derramar um balde de melado que ia pingando pelos pés das empregadas em seus últimos espasmos. O foco nos pés balançando. Homero dizia que o sangue com o melado de açúcar era a energia feminina do filme. A cena sádica das empregadas mortas e nuas teve dois minutos e quarenta e cinco. Minha vontade foi levantar no cinema e gritar (*grita*). Parou. Mas que voz eu teria? A gente nunca tem muita certeza. Depois os diretores foram embora e eu fiquei aqui na rodoviária, as linhas do meu corpo estão naquelas fitas gravadas e eu continuo aqui, à espera.

Em Iguatu não chove, cidade quente da peste. Uma vez, num dia de sol quente, eu vi uma vaca pouco antes de morrer por conta da seca. Estava com alguns dos meus familiares neste momento e é uma imagem que sempre me retorna. Ela estava na beira de um lago, ao contrário do que se pode pensar, ela não estava magra, mas inchada, como se fosse um balão, as veias do seu corpo pulavam na tentativa de falar. Os olhos daquele animal me engoliram. Então fomos somente eu e ela petrificados debaixo do sol quente. Juro, os olhos da vaca me queimavam mais que aquele sol quente. A vaca com olhos de sol queimava meu corpo e eu não podia fazer nada. Eu peguei uma lata, com uma água barrenta que havia no fim do lago seco e joguei sobre suas patas. Neste momento fez um som de água que fervia e um cheiro de queimado tomou conta do espaço. Eu parei, olhei o espaço seco, sépia, barrento, quente, peste (*pausa*). Uma vez me disseram que as vacas sagradas não morrem. No momento em que eu olhei para cima e o sol quase me cegava, eu me vi de cima, eu vi a bendita vaca viva, em pé e com olhos de fogo queimando todo o meu corpo e a carne que fervia, que borbulhava e queimada agora era minha. Rio Jaguaribe, o famoso rio da onça que passa por Iguatu, que

passa por mim, que deveria inundar este teatro. E assim como a onça ele escapa, ele seca, ironia maior não há. Eu senti que o pouco do rio começava a vazar do meu corpo com o gosto salgado. Neste momento em que eu não era ninguém, aprisionado no olho da vaca sagrada, queimando, eu não busquei mais água, eu só assisti meu corpo queimando na tela de cinema que se limitava à perspectiva do meu olho que via de cima. Desde então, eu sinto que falta um pedaço.

**Defesa de Ulisses:** Tá foda, a galera não quer facilitar pra mim. Já tentei pagar propina pra Ele, o autor, reescrever o texto, mas ele é irrevogável. Intelectual de merda. É, estão todos contra mim. A casa caiu. Telemaco, o primeiro que falou disse não iria tomar partido. Calipso rancorosa, deve estar amando ver tudo isto de longe, Sereia ficou triste porque pedi pra ela parar de cantar, mas era só pra que eu não fosse enfeitiçado, não tinha nada a ver com afinação... E Penélope foi a pior, depois que ficou sabendo do meu caso com Calipso e do meu flerte com Sereia me expulsou de casa e disse que finalmente ia pedir o divórcio. Mas não acaba aqui não, eu fiquei sabendo que ela tá com uma conta no *tinder*. A gente pensa que vai voltar e que vai encontrar tudo igual. Eu menti, eu enganei, eu traí, mas eu só queria saber se fosse algum de vocês que tivesse que passar pelos caminhos tortos que eu passei. Eu chorei em todos os momentos. De longe eu via a casa sendo destruída. Cantei, narrei, menti, senti, fugi, vi. Eu vi que neste mundo cada pedaço tem uma divindade... todos os meus companheiros de guerra ainda gritam. Eu enforquei, eu atirei, eu matei. Mas eu nunca neguei nada disso e não vai ser agora neste teatro que eu vou negar. Elas estão todas na minha cabeça, as vozes, as vozes estão

60 50 40

todas na minha cabeça. Se eu pudesse dizer algo, se eu não fosse um corpo jogado no Hades, eu diria aos homens para nunca matarem uma bruxa. Elas escreveram o meu nome em um papel, o costuraram no bico de uma coruja que me defendia e a jogaram num rio gritando palavras de ordem e justiça. Desde então todos os homens depois de mim sofrem as consequências. Você pode apagar meu nome? Tipo, da sua entrevista? Pode mudar na edição? Diz que eu nem passei por aqui, ou diz somente que eu não sou ninguém. Pode usar como título da entrevista aquela parte da Odisseia em que Odisseu diz assim: “Ninguém é meu nome; ninguém denomina-me a mãe, o pai e todos os outros companheiros”<sup>1</sup>, aí fecha com um ponto final. Principalmente se de agora em diante eu começar a chorar. O choro dos homens é incontrolável e como você bem sabe estão todas contra mim, então com certeza neste teatro eu não vou encontrar ninguém para me consolar. Ai de mim! É tão difícil a vida de um herói. É como... pensando nos dias de hoje. É como a vida de um *digital influencer*. Sério! Não ri não! É muita cobrança. A sociedade cobra uma postura ética absurda e

0 10 20

1 Homero. *Odisseia*. Canto 9 - 336

a perfeição é inalcançável até para os deuses. Ao mesmo tempo as pessoas querem drama. Por que você acha que eu tenho uma queda para o choro? Quantas experiências não carrega uma pessoa que foi de rei à mendigo? Eu sei, eu tô fudido, eu tô lascado, eu tô cansado. Elas querem minha carne? Meus olhos, meu sangue, meu couro? As linhas do meu corpo.... Não, não, não. É pouco, é pouco, elas querem as palavras, a experiência a narrativa, elas querem a vivência. Elas querem ter voz, vez... e elas estão pegando, chegando, lutando, amando, gozando (*pausa*). Eu me rendo, eu aceito, eu entendo, eu respeito... eu... não importa, não importa mais... eu... não importa mais, entende? Pelo pouco de sabedoria que me resta, ainda consigo fazer esta reflexão. É, agora chegou a minha vez de esperar aqui, minha vez de pedir perdão. Eu, este banco de rodoviária que finge ser teatro e estas quatro caixas de papelão cheias de memória. (*olha para trás*). Calma, foi só pra conferir se elas já estavam fechadas. A gente nunca tem muita certeza.

60

50

40

0

10

20

60

50

40

Ontem eu tive um sonho. Eu estava de pijamas e descalço no chão batido de terra. No acostamento de uma estrada. Era madrugada e além de um ônibus, não havia mais nada perto. O céu assustadoramente estrelado contrastava com a escuridão da estrada. Eu corria atrás do ônibus que acelerava na minha frente e então eu corria mais. Em meio a esta corrida, eu via imagens, figuras, sombras... aquelas que só aparecem na estrada de madrugada, só que agora eu estava desprotegido, do lado de fora da janela. O vento gelado. O grito seco. Eu lembro de sentir saudade do sol quente. Eu desisti, o ônibus já estava além. Eu cheguei numa ponte que passava por cima de um rio. O rio estava seco. Eu tinha sede. Eu decidi descer a ponte e subir a ribanceira do rio seco, andando pela areia. Eu andei por muito tempo. Eu ouvia alguns sons que vinham da margem seca do rio, eu tive medo. Parecia um canto de afogamento, logo pra mim que quase me afoguei por duas vezes. O que me dá raiva é que todos os meus sonhos têm uma pulsação de morte, por isto que eu costumo dormir por partes, por capítulos. Se eu ainda tivesse um balão, com certeza eu subiria ao céu estrelado. Se eu tivesse um barco, eu me amarraria no mastro evitando ser atraído pelo canto de morte. Se eu

tivesse uma espada com certeza eu iniciaria uma guerra. Se eu tivesse botas, protegeria os meus calcanhares e se eu tivesse voz, mesmo assim eu permaneceria em silêncio (*pausa*). Dois peixes iluminados passaram pelo meu corpo. Uma coruja dava rasantes sobre a minha cabeça, mas não cantava. Eu topei com a nascente. Tinha um pouco de água. Minhas mãos pequenas tentavam retê-la. Eu estava cansado e deitei na areia esperando o dia nascer. Eu percebi uma luz refletindo na pouca água que eu tinha nas mãos. O sol quente que antes me castigava agora desce passando sua língua pelo meu corpo. Quanto mais ele se aproxima mais tesão eu sinto. A peste deste sol ainda vai me deixar maluco. Uma vez me disseram que Deus se comunica com a gente através dos sonhos. Desculpa, eu estou contando este sonho em detalhes porque ele aconteceu ontem. Amanhã com certeza ele vai estar cheio de esquecimentos.

Uma última entrevista com uma atriz convidada: As caixas já estão guardadas? Ótimo, então eu já posso começar. Eu construí um cavalo que ganhou uma guerra. O primeiro alicerce deste cavalo foi a minha última costela do lado direito. Eu a tirei enquanto todos eles pensavam que eu só queria emagrecer. Ninguém acreditava que uma arma tão pequena seria tão forte. Quando eu era pequena, o meu pai quis me matar porque um outro homem mandou, jogando-me de um penhasco. Ele desistiu, mas eu me joguei do penhasco. Quando eu me joguei, as minhas asas se abriram e eu voei, foi neste dia que eu descobri que era pássaro. Um pássaro de penas e pelos que também amamenta. A minha história é a história de um líquido branco que passa pelo corpo de todos e chega direto nos ossos. Alguns deles dizem que é o ferro que constrói um herói e eu tenho vontade de rir. Eu mergulhei na água do mar e eu percebi que poderia estar em todos os lugares e quando eu fui mãe eu senti que estava em todos os corpos. Um rio passa pelo meu quintal. A minha cozinha tem uma porta dividida em duas que dá para o quintal, onde geralmente só a parte de baixo fica fechada para que os animais não entrem. Meu nome é Francisca, mas todos me conhecem como

Nenê, porque eu sou a última filha da minha família. Eu sou mãe de quatro filhos, três mulheres e um homem. O meu último filho é o ator desta peça, mas não estou aqui para falar dele. Eu estou aqui para falar de mim. Eu tenho 65 anos, eu sou mãe, meu signo é de peixes, eu já fiz algumas cirurgias que marcam o meu corpo e eu também já esperei dez anos pra dar um abraço. Um dos maiores prazeres da minha vida é viajar inclusive eu também já fiz a viagem de três dias, mas gosto também de ficar em casa e de receber a família aos domingos. O meu pai, o seu Domingos, morreu quando morava comigo no ano de 1999. Eu lembro muito bem que na época todos estavam com medo e achando que o mundo iria acabar no final do segundo milênio. Meu pai morreu em outubro de 1999.

# eu não tive tempo

*odísseia 116*

92

**pra pensar  
no fim  
do mundo.**

Desculpa, eu não queria falar de nada triste. Eu gosto de viajar pra encontrar as pessoas que eu amo. Geralmente as pessoas não me perguntam muitas coisas, o que eu gosto de fazer, de ouvir. Mas uma música que eu sempre canto é uma do Dorival Caymmi que se chama *Maracangalha*. Tem aí? Coloca um pouquinho pra gente escutar.





**Cleilson Queiroz Lopes** é escritor, dramaturgo, diretor e ator, professor de teatro, produtor e parecerista de projetos culturais. Componente da Cia Ortaet de Teatro da cidade de Iguatu/CE. Licenciado e mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Doutor em Artes Cênicas pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Tem se interessado pelas questões autobiográficas e Teatro Documentário/Cinema Documentário, além do teatro infanto-juvenil. Escreveu as dramaturgias *Sofia -35* (2014), *Alugam-se Luas* (2016), e em parceria com a também escritora Aldenir Martins, *Chorume* (2020).

Este livro foi composto  
com os tipos Minion Pro e Andada sc  
no inverno de 2024